



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DORIS CAROLINE NEVES PRESSER

**A PRESENÇA DOS TEMAS FAMÍLIA E VIOLÊNCIA NOS
ESTUDOS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DA PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA**

LONDRINA
2010

DORIS CAROLINE NEVES PRESSER

**A PRESENÇA DOS TEMAS FAMÍLIA E VIOLÊNCIA NOS
ESTUDOS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Medeiros
Farias

LONDRINA
2010

DORIS CAROLINE NEVES PRESSER

**A PRESENÇA DOS TEMAS FAMÍLIA E VIOLÊNCIA NOS
ESTUDOS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Adriana Medeiros Farias
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Dra. Eliane Cleide da Silva Czernisz
Universidade Estadual de Londrina

Prof.Ms. Celso Luiz Junior
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIA

Dedido este trabalho à minha MÃE, pessoa maravilhosa, anjo que me protege e me guarda, me abençoa e me acalma.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me iluminar e me abençoar nos momentos difíceis, fazendo com que cada passo de angústia se transformasse em força para seguir em frente.

Agradeço à minha orientadora pela compreensão e dedicação ao assumir comigo essa jornada de trabalho, me amparando e principalmente me encorajando para não desistir nos obstáculos que foram surgindo. Agradeço, pela parceria de trabalho, e, sobretudo, pela amizade que fez com que esta pesquisa se tornasse prazerosa num momento de conflitos.

Ao professor Celso Luiz Junior e à professora Eliane Cleide da Silva Czernisz por aceitarem participar da minha banca e por me orientarem junto com a professora Adriana, entendendo o momento conflituoso e contribuindo para que o trabalho fosse realizado.

Gostaria de agradecer também aos meus pais, Rosalina e Lourival Presser, ao meu irmão Carlos Eduardo, e ao meu namorado Bruno Ozawa. Pessoas que estiveram comigo desde o início, me ajudando, me apoiando e entendendo os momentos em que precisei estar ausente. Agradeço por não terem me deixado desistir dessa importante etapa, me dando conselhos e secando minhas lágrimas nos dias em que não aguentei e precisei de um colo e um abraço apertado.

Por fim, gostaria de agradecer à equipe FTI, por serem solidários compreendendo minha ausência, mesmo nos dias em que a empresa estava precisando ainda mais dos meus serviços, eles não foram apenas colegas de trabalho, foram amigos, ao entenderem que cada minuto era precioso para concluir este trabalho.

PRESSER, Doris Caroline Neves. **A presença do tema família e violência nos estudos de trabalho de conclusão de curso da Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.** 2010. 46 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Considerando família e violência dois fenômenos tão complexos e tão presentes na sociedade atual, buscamos compreendê-los melhor para realização deste trabalho por meio de estudos bibliográficos e análise documental dos Trabalhos de Conclusão de Curso concluídos nos anos de 2008 a 2009 no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina que abordaram os fenômenos mencionados. Para tanto, realizou-se uma caracterização geral dos temas para compreender a sua importância e presença na sociedade em geral e seus desdobramentos no espaço educacional, especificamente na escola. O trabalho apresenta uma abordagem conceitual a respeito de Família como Instituição Social, sua história, seus conceitos, seu dinamismo e suas transformações sociais. Do mesmo modo, realizou-se a abordagem sobre a Violência identificando as manifestações na sociedade e principalmente no ambiente escolar. Trata-se de um assunto que não se esgota por ser um fenômeno que se transforma tanto com o tempo e contexto social, político, econômico e cultural. Uma análise documental dos TCCs de 2008 e 2009 foi feita para verificar a importância dos temas e com qual relevância os profissionais da educação estão discutindo e colocando em prática suas ações. Foi possível verificar que a disciplina “Educação e Família” é de suma importância para que os profissionais da educação tenham uma formação geral, podendo então intervir nos conflitos que surgem no ambiente escolar, mais especificamente envolvendo os temas família e violência.

Palavras-chave:Família.Violência.Educação.Trabalho de Conclusão de Curso. Pedagogia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Quantidade de TCCS (2008 e 2009) que utilizaram os temas violência e família.....	29
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: CARACTERIZAÇÃO CONCEITUAL: FAMÍLIA E VIOLÊNCIA	12
1.1 A FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL.....	12
1.2 Violência e uma perspectiva histórica.....	15
1.2.1 Violência escolar.....	18
1.3 Interface entre os temas: Família e Violência.....	20
1.3.1 A presença da família na escola.....	23
1.3.2 Formação de valores da família e da escola contra violência.....	24
1.4 Qual o Papel dos Profissionais da Educação Frente à Violência Escolar	25
CAPÍTULO II: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO: A PRESENÇA DOS TEMAS FAMÍLIA E VIOLÊNCIA ESCOLAR	28
2.1 Caracterização dos trabalhos de conclusão de curso.....	28
2.2 Inventário dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Pedagogia de 2008 e 2009 da Universidade Estadual de Londrina.....	33
2.2.1 TCC 1.....	33
2.2.2 TCC 2.....	35
2.2.3 TCC 3.....	36
2.2.4 TCC 4.....	37
2.2.5 TCC 5.....	38
2.2.6 TCC 6.....	39
2.2.7 TCC 7.....	40
2.2.8 TCC 8.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso, TCC, intitulado, *A presença do tema família e violência nos estudos de trabalho de conclusão de curso da Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina*, justifica-se pela percepção da falta de formação inicial dos pedagogos sobre os temas e as conseqüências para qualificação da prática educativa.

A primeira tarefa de pesquisa consistiu na análise de propostas curriculares (2005, 2007 e 2010) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A análise identificou a oferta da disciplina de Educação e Família no Currículo de 2005 e sua supressão no currículo de 2007 e 2010 (ambos em vigência no período de execução da pesquisa). O tema fora incorporado na disciplina Coordenação do Trabalho pedagógico formal e não formal. O que representa uma redução da carga horária para estudos a respeito do tema e conseqüências para a formação do pedagogo.

Uma breve revisão de literatura indica que o assunto família e violência está presente em diversas pesquisas nas últimas décadas, com destaque para a área da educação. Contudo, a abordagem feita pela mídia não contempla a complexidade que o tema exige e por sua vez contribui apenas para apresentá-lo como mais um “tema da moda”. Deslocando para o âmbito da família a responsabilidade do desfecho dos problemas sociais, dentre eles a violência que se manifesta no espaço escolar. A responsabilidade dos estudos é desmistificar o papel da família na compreensão da violência escolar identificando as matizes sociais, políticas, econômicas e culturais originárias.

Objetiva-se, portanto, com essa pesquisa analisar os Trabalhos de Conclusão de Curso do período de 2008 a 2009 do curso de Pedagogia para identificar os temas violência e família e com isso a necessidade de pautar a temática no curso de formação inicial do pedagogo.

Para melhor organização do trabalho, este foi dividido em dois capítulos. A partir disso, a composição do primeiro capítulo, para se entender esta instituição social, chamada família, que tem sua existência há milhares de anos. A primeira tarefa foi uma pesquisa sobre o significado da palavra, as suas características, transformações ao longo dos anos e toda a sua história. Ainda

dentro da abordagem sobre família, foi necessária, uma verificação sobre pesquisas do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em que percebeu-se a relevância da ação governamental para compreender a família como uma instituição dinâmica, que exige políticas públicas para a sua proteção, em todas as suas vertentes social, educacional, econômica e cultural.

Para compreendermos a idéia de família como instituição social resultante das diferentes formas de organização societária fizemos referência às obras de Danda Prado (1988) que conceitua e descreve as características de cada grupo familiar no decorrer da história da humanidade. Em consonância com essa idéia Nascimento (2006) analisa as mudanças e transformações ocorridas na família brasileira tendo como referência o censo populacional nacional desde sua primeira edição. Reis (1983) analisa os aspectos ideológicos e seus reflexos na família e na sociedade; Carvalho (2004) apresenta uma abordagem das relações entre família e escola no contexto da política educacional em seu aspecto histórico e presente no século XXI; Engels (2000) um clássico da literatura que retrata um estudo mais aprofundado da evolução histórico-social da família desde os primórdios até a civilização; Barreto (1980) o registro de uma pesquisa realizada com professoras de primeira série da cidade de São Paulo, demonstrando as expectativas com relação ao desempenho escolar dos alunos vinculando-o à classe social dos mesmos; por fim Paro (2004) analisa a questão da participação da comunidade/família na gestão da escola pública.

As obras, referidas anteriormente, nos remete a um conjunto de tendências teóricas importantes que nos levam a necessidade de ponderar que não podemos pensar em um único modelo cultural de família se consideramos os diferentes contextos sociais, econômicos e culturais vividos em tempos e espaços diversos.

O capítulo I aborda o tema Violência, este fenômeno, por se tratar de algo muito complexo, exigiu também estudos sobre o significado do termo, seus diversos tipos de manifestações, sua evolução e todo o histórico, e também aborda o enfoque da violência especificamente escolar, onde se faz uma reflexão sobre a questão do ambiente escolar como espaço de aprendizagem a ser transformado. Uma observação interessante se faz neste item a respeito da pequena quantidade de pesquisas sobre o assunto, dificultando a realização desta proposta de trabalho. Dentro de violência escolar, foram abordados a falta de diálogo na escola e os

diferentes tipos de violência. O enfoque de violência no seu âmbito institucional, isto é, a prática de violência pelos próprios profissionais da educação, que com intuito de manter a disciplina acabam também sendo modelos. Foram feitas outras abordagens, quando se comprovam a prática de violência de alunos para professor, alunos com alunos e ainda violências vindas de fora da escola. Pesquisou-se também sobre as proporções da violência. A violência não visível também pode provocar danos e fica sempre sem a atenção devida.

No quarto item, com o intuito de promover relevantes transformações no ambiente escolar, pesquisou-se sobre o papel dos profissionais da Educação frente a violência escolar. Assim, verificou-se embasado em Arroyo (2007) e Ruotti (2006), a função dos profissionais de educação na escola e que ações são necessárias para que a escola seja acolhedora e realizadora de seu papel inclusivo. Uma explanação sobre o papel inclusivo do docente foi um dos enfoques neste quarto item. Através de afirmações de Ruotti (2006), foram possíveis algumas colocações a respeito do papel dialógico do docente dentro da escola e da relevante tarefa de prevenção e combate à violência. O que se conclui é que a ação educativa deve ser flexível e passível de mudança. Jamais “engessada” e temerosa no que diz respeito às transformações.

Para finalização do trabalho, o último capítulo traz a análise do levantamento dos TCCs que estudam o tema. Dos oito trabalhos de conclusão de curso identificados foram feitas investigações para caracterização daqueles que enfocavam apenas violência, em seguida os que abordavam a família e finalmente, uma análise sucinta dos temas que envolvem família e violência.

Após leituras, caracterização, percepção e compreensão dos temas, fez-se necessária uma análise conclusiva de cada trabalho.

CAPÍTULO I:

CARACTERIZAÇÃO CONCEITUAL: FAMÍLIA E VIOLÊNCIA

O primeiro capítulo abordará os temas família e violência caracterizando-os conceitualmente com o objetivo de afirmar a relevância dos estudos nesse campo no âmbito da educação.

Para compreender situações de violência, seja na família, na escola, no bairro ou em qualquer ambiente, é preciso conceber a idéia de família como instituição social e violência como fenômeno social e que ambos incidem dialeticamente no espaço escolar com os desdobramentos para a ação pedagógica.

1.1 – A família como instituição social

A palavra família é de entendimento comum, nesse caso apresenta um sentido popular que remete ao imaginário de um conjunto de pessoas com vínculo sanguíneo. A obra “O que é família” de autoria de Danda Prado (1988) apresenta a

palavra família, no sentido popular e no dicionário, significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas de mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção (p. 7).

O fenômeno “família”, nesse trabalho, parte da caracterização histórica que a instituição apresenta e por esse motivo conceitua a família como elemento em transformação constante que é capaz de influenciar e receber influências do meio. A ideia está presente nos estudos de Engels (1974) que ao tomar o trabalho antropológico de Morgan (1871) como referência, apresenta a família dentro de uma perspectiva evolutiva, deste modo:

A família é o elemento ativo; nunca permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado. Os sistemas de parentesco, pelo contrário, são passivos; só depois de longos intervalos, registram os progressos feitos pela família, e não sofrem uma modificação radical senão quando a família já se modificou radicalmente (MORGAN, 1871 apud ENGELS, 1974, p. 30).

Ao longo dos anos as famílias se constituem pelas mudanças significativas que ocorrem nos aspectos sociais, culturais e econômicos, que influenciam direta e indiretamente a unidade familiar. Essas transformações sociais acontecem, pois a família é uma instituição social e histórica, como afirma Prado (1988):

a família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado (p. 12).

Podemos encontrar vários conceitos de família: um grupo de pessoas, unidas por laços afetivos, que costumam dividir o mesmo espaço, mas que estão sujeitos a momentos conflituosos de convivência, ou ainda um núcleo familiar, composto de pai, mãe e filhos, é o modelo de família classificada como família “normal” do século XIX. Onde o pai saía para o trabalho e a mãe ficava em casa para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. Como afirma Reis:

Quando usamos o modelo burguês familiar como sinônimo de família atual, assim o fazemos por entender que este padrão de organização originário na burguesia espalhou-se pelas demais classes sociais que, paulatinamente, o adotaram. Isso não significa negar a existência de outras formas de vida familiar nem impor uma padronização absoluta a todas as unidades familiares, mas apenas tomar o modelo familiar que predomina na sociedade em que vivemos e que corresponde aos valores da ideologia dominante. Aliás, a família burguesa ao se representar não apenas como aquela que é “normal”, mas também como a única possibilidade, nada mais faz do que cumprir sua função ideológica (1984, p.105).

A família burguesa destacada como “modelo familiar”, não é o único, o que nos permite abertura de um leque maior para compreensão de família. Verificamos então que nos dias atuais, temos famílias “modernas” e famílias “tradicionais”. A partir deste panorama sobre a família pretendemos tratar do fenômeno que, conforme observamos apresenta-se bastante complexo, mesmo porque os tipos de famílias se modificam conforme as necessidades objetivas e históricas se apresentam. As mudanças na instituição familiar nem sempre são acompanhadas pela forma como o Censo historicamente identifica e nomeia seus integrantes, tal condição é revelada pelo estudo que Reis (1984) realiza com base

no primeiro Censo de 1810 até o Censo 2000, demonstrando a incorporação tardia de tais mudanças.

A transformação social é veloz, exige mudanças. Não só em ações sociais das políticas governamentais para melhorias na educação e na cultura, mas também mudanças que parecem sutis como a simples atualização necessariamente feita, na ficha de entrevista, para a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Isso revela claramente o dinamismo na família e na sociedade em geral. A transformação da constituição familiar, a mudança social e tecnológica, a valorização dos povos, a luta pela quebra de preconceito e a valorização das diferenças. Tudo isso e muito mais, vieram acrescentar itens na ficha de entrevista do IBGE, no Censo realizado em 2010.

O Censo 2010 revelará um novo retrato da sociedade brasileira, em um conjunto de informações demográficas, socioeconômicas e habitacionais. Investigando as características dos domicílios, as relações de parentesco, fecundidade, educação, trabalho, renda, cor e raça, deficiência e religião, entre outros, o Censo servirá de base para o planejamento público e privado da próxima década. Amplamente discutido com especialistas e usuários e atendendo a recomendações internacionais, o questionário do Censo 2010 trará perguntas capazes de verificar as transformações sociais desde a realização do Censo 2000. Entre as novas questões sobre os domicílios, serão investigados a existência de medidor e a disponibilidade de energia elétrica; a existência de telefone celular, de motocicleta e de acesso à Internet; se algum morador emigrou para outro país **e se há mais de um responsável pelo domicílio**, entre outros. Sobre os moradores, os recenseadores questionarão se há registro de nascimento para as pessoas com até dez anos, se recebem rendimentos provenientes de programas sociais, quanto tempo levam para se deslocar até o trabalho; a etnia ou povo a que pertence e a língua falada (para a população indígena) e a existência de cônjuges do mesmo sexo. (grifo meu)

As mudanças na constituição familiar serão confirmadas ou não ao término do Censo de 2010, influenciada pelas várias mudanças sociais e pelo rompimento de preconceitos.

Voltando nosso olhar para os dados numéricos produzidos pelo IBGE nas últimas décadas do século XX, vemos que as mudanças ocorridas nas famílias, dentro e fora de casa, atingirão todos os seguimentos sociais. Porém, em se tratando de família é difícil afirmar o que influenciou o que. Mudaram as relações de trabalho, o poder aquisitivo, as crenças da ciência e a legislação (NASCIMENTO, 2006, p. 12- 13).

Essas mudanças sociais permitem benefícios à sociedade e à família, porém não poderão resolver problemas que fazem parte da história da humanidade. As grandes preocupações sociais como a violência, apenas poderão ser amenizadas através de políticas públicas.

A partir disso, a proposta é buscar uma reflexão sobre este fenômeno que é muito comum na “história da humanidade”, mas que não é nada normal quando significa uma força contrária à vontade das pessoas.

Uma breve reflexão sobre a violência entre os diferentes povos e ao longo dos tempos indica-nos que a história da violência confunde-se com a história do ser humano, não sendo nenhum exagero afirmar que todas as civilizações valeram-se da força física para impor a sua vontade e dominar os seus adversários (MARCONDES, 2008, p. 127).

Considerando ser esta, uma questão muito polêmica, muito complexa e preocupante, e ainda mais preocupante, quando se constata empiricamente que “a violência vem sendo protagonizadas por pessoas cada vez mais jovens, e que a maior parte dos delitos que ocorrem nas grandes cidades é praticada por crianças ou adolescentes em plena idade escolar” é extremamente importante que iniciemos um estudo dedicado especialmente a esta temática. Que inclusive é de se esperar a dificuldade no desenvolvimento, pois não é muito fácil encontrar bibliografias sobre o assunto, principalmente se formos pensar em violência juvenil, ou seja, violência praticada por “crianças e jovens em idade escolar” (MARCONDES, 2008, p.128).

Apesar da escassez de pesquisas sobre a violência escolar nas décadas passadas, “é possível considerar os anos 90 como um momento de mudanças no padrão de violência nas escolas públicas, englobando não só atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. (ABRAMOVAY, 2005 apud MARCONDES, 2008, p.129)

1.2 – Violência e uma perspectiva histórica

Quando se propõe a escrever sobre violência, significa trilhar um caminho complexo. Segundo Marcondes (2008) conceituar violência é uma tarefa das mais difíceis, pois se trata de um fenômeno que se transforma constantemente. Diante da complexidade do tema, para chegarmos a um entendimento sobre o

fenômeno, pesquisamos no dicionário Ferreira (2008) e encontramos, “violência é a qualidade de ser violento. Ato de violentar. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação” (p. 818). Em outro dicionário temos a etimologia da palavra:

Origina-se do latim *violentia* e designa o ato de violentar, força empregada abusivamente (...) sobre alguma pessoa para obrigá-la praticar algo (ALMEIDA, 1984, p. 399).

Morais (1981) define violência como tudo que traz sofrimento, arranca o homem da sua dignidade em todos os sentidos. É o que fere a integridade pessoal. Ele revela em sua exposição, a violência como fenômeno social.

(...) violência está em **tudo** que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como **o que pode** degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica. Resumindo: violentar o homem **é arrancá-lo da sua integridade física e mental** (MORAIS, 1981, p. 16, **grifo meu**).

A violência pode ser realizada de várias maneiras, e remete o indivíduo à insegurança, dando origem ao medo. Para Balandier (apud THOMAZ, 1997) é algo que pode trazer a desordem e aprisionar o sujeito.

Conforme apontamos anteriormente, trata-se de um tema de múltiplas definições, dependendo do contexto social, cultural, político e histórico (ABRAMOVAY, 2005). Assim, esta mesma autora confirma que “além da multiplicidade de formas assumidas pela violência, existem, diferenças entre os períodos históricos e culturais no que tange à compreensão sobre o tema”. (p. 54)

Diante das palavras de Abramovay, podemos confirmar a ideia de que a sociedade se movimenta e a violência acompanha o seu dinamismo. Maffesoli (1997) nos apresenta três tipos de violência: a totalitária, a anômica e a banal.

A totalitária é conseqüência do monopólio da estrutura dominante: Estado, partido, organização. A anômica que é uma resposta à violência, à dominação dos poderes instituídos, nas revoltas latentes que ocorrem ocasionalmente, inscreve-se entre a destruição e a reconstrução, entre ordem e desordem, que reprimida pode explodir em crueldade. Há sempre negociação, adaptação. A banal caracteriza-se pela passividade ativa, não se integra ao instituído, mas se opõe a ele. Subverte o poder através da submissão aparente, não recusa, porém não arrebatada (MAFFESOLI, 1997 apud THOMAZ, p.8).

Através das palavras do autor, percebemos que não é possível chegar a uma única definição sobre a violência, visto que o fenômeno é manifesto de muitas maneiras e provoca danos de diversas ordens.

Diante do exposto, vimos a necessidade de um aprofundamento na pesquisa, consultando mais alguns estudiosos no assunto. Na concepção de Rotger, violência é o “uso intencional da força física contra um semelhante com o propósito de ferir, abusar, roubar, humilhar, dominar, ultrajar, torturar, destruir ou causar a morte”. (2001, p.29). Quando abordamos violência não se trata de definir apenas a violência física, mas as várias maneira de se violentar.

A violência não pode ser reduzida ao plano físico, mas abarca o psíquico e moral. Talvez se possa afirmar que o que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro, a violação dos direitos humanos (CANDAUI, 2001, p. 141).

Assim, se a manifestação da violência é tão diversa no âmbito geral, não é diferente em instituições, inclusive na escola, sendo assim a violência que assola o ambiente escolar, acaba abalando a função primeira da escola. (RUOTTI, 2006): “De instituição encarregada socializar as novas gerações, a escola passa a ser vista como ambiente que concentra conflitos e práticas de violência” (p.26).

A escolha deste tema veio ao encontro da necessidade de se estudar a violência no âmbito escolar, visto que é um fenômeno muito presente na atualidade, e que vem aumentando em grandes proporções, sendo assim, qual seria a função dos profissionais da educação e o papel desempenhado pela família nesse debate? A partir deste questionamento será abordado a seguir, o que é violência escolar e suas modalidades, como se manifesta e o papel do profissional da Educação neste contexto.

1.2.1 Violência Escolar

A escola se apresenta historicamente como o espaço de aprendizagem, de socialização, de desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. A partir da década de 1990, a escola tem sido apontada como espaço fundamental para a formação do sujeito e sua cidadania, o que nos leva a pensar de que modo a constituição do cidadão se dá em meio a atos agressivos e de conflitos, transformando a instituição em cenário de violência, o que tem sido alvo de grande preocupação conforme aponta os estudos de Marcondes (2008).

Neste sentido, faz-se necessário analisar a violência escolar e, para isso, buscamos em (CHARLOT 1997 apud ABRAMOVAY, 2002) as contribuições necessárias. Afirma o autor que existem algumas dificuldades para se definir violência escolar, não apenas porque esta “remete aos fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar, mas também porque desestrutura as representações sociais que tem valor fundador” (p.72).

Segundo Abramovay (2002) a dificuldade ao caracterizar este fenômeno está na variação do ambiente escolar e de quem, hierarquicamente, faz a exposição sobre o assunto.

Quando se faz uso de um termo tão amplo como “violência”, que abrange desde agressões graves até as pequenas incivildades que acontecem na escola, o problema pode tornar-se impensável devido aos inúmeros tipos de situações envolvidas ou pode, simplesmente, passar a criminalizar e estigmatizar padrões de comportamento comuns no ambiente escolar (RUOTTI, 2006, p.24).

A caracterização da violência escolar para Charlot (2002, apud PAULA; SILVA e SALLES) é definida por três aspectos “violência na escola, violência à escola e violência da escola. A violência na escola é aquela que produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar”. Esta modalidade de violência é um dos tipos produzido por alunos. Acontece quando vem de fora, e refletida no âmbito escolar. “A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar“. Este tipo de agressão é praticada pelo aluno contra a instituição e os membros que a ela compõe. São atos que têm aumentado na atualidade, tanto em quantidade quanto em qualidade. Agressões verbais são muito presentes não anulando também algumas situações

envolvendo a força física. “A violência da escola é caracterizada como uma violência institucional, simbólica, que se expressa pela maneira como a instituição e seus agentes tratam os jovens”. Neste caso a violência é praticada pelos profissionais, que com o intuito de manter a disciplina e o controle, usam medidas de imposição, não obstante acabam por transformarem em práticas injustas. “A violência estrutural” (da escola) “tem sua origem na situação mundial de injustiça social” (CHARLOT, 2002, apud PAULA; SILVA e SALLES, p. 2-3).

Abramovay (2002) ainda expõe alguns tópicos que para ela são considerados formas de violência:

Violência simbólica (abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade); Verbal; e institucional (marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder) (p. 7).

A escola tem apresentado um cenário de violência “institucional”, pela falta de diálogo, pela maneira ríspida de tratamento e palavras grosseiras proferidas contra os alunos (ABRAMOVAY, 2002). São dificuldades cotidianas que têm prejudicado muito o ambiente escolar, provocadas por “problemas de gestão e das suas próprias tensões internas”, outro fator que contribui para o desequilíbrio da harmonia dentro da escola, é a “efetiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o desemprego” (ABRAMOVAY, 2002, p. 78).

O combate à violência é um desafio para educadores, gestores e todos envolvidos na educação escolar. O índice de delitos e crimes não é tão grande, quando se tem como referência a população da escola (RUOTTI, 2006). Esses de grande proporção são enfatizados pela mídia, gerando assim, mais insegurança, como afirma:

O destaque dado pela imprensa aos poucos casos graves que ocorrem acaba criando uma sensação de insegurança generalizada e de perigo constante nas escolas que, por sua vez, justifica a aplicação de medidas punitivas cada vez mais rigorosas (DEARBIEUX, 2002, apud RUOTTI, 2006, p. 36).

Com o enfoque dado às práticas de violência de grandes proporções, os casos mais discretos, que são muito mais frequentes, ficam esquecidos pela comunidade escolar, gerando muito mais danos. As violências implícitas ficam normalmente imperceptíveis por dois motivos, segundo explica o mesmo autor: “porque não é percebida, seja porque é considerada de menor importância por não acarretar conseqüências negativas visíveis.” Indisciplinas e brincadeiras são, às vezes, violência mascarada e por isso ficam sem a intervenção devida (RUOTTI, 2006, p. 37).

Diante deste cenário escolar, uma reflexão sobre alguns conceitos seria importante para a formação do indivíduo e com ela a inclusão nos currículos de temas que abarcam a como identidade “cultural e social, alteridade, diferença, multiculturalismo, gênero, etnia, sexualidade, intolerância, preconceito, discriminação, violência, dentre tantos outros” (CAMACHO, 2001, apud RUOTTI, 2006, p.37).

Estes são temas de fundamental importância para a formação dos profissionais da educação, preparando-os para melhor atuarem na área e servirá de embasamento para os professores, toda a equipe gestora e pedagógica (RUOTTI, 2006).

A partir disso, abordaremos no item a seguir a importância de uma formação de qualidade aos profissionais da educação, para que possam atuar também com condições para construção do conhecimento nesse campo.

1.3 Interface entre os temas: Família e Violência

Para compreender a ligação entre Família e Violência, uma revisão inicial sobre cada um dos temas separadamente, torna-se fundamental. Especificamente sobre família PRADO (1981) expõe o crescente interesse pelo estudo da família em todos os setores do conhecimento.

A família se altera conforme as transformações da sociedade, e com isso, os seus membros necessitam adaptar-se ao contexto. As bruscas mudanças impõe a troca de papéis e responsabilidades. PERROT (1993, apud FALSARELLA, 2008):

a história da família na sociedade ocidental e mostra como toda sociedade tende a moldar as famílias em função de sua realidade econômica e cultural. Mudam os tempos, mudam as formas de organização social, mudam a estrutura e a organização da família (p.34).

As mudanças dentro do núcleo familiar não foram tão facilmente aceitas, mas com o passar do tempo e a pressão das necessidades sociais, as diversas constituições foram reconhecidas. Apesar de algumas lutas contrárias e preconceituosas, não há como manter apenas um modelo específico de família. Como expõe Hobsbawm (1995) “na maioria das sociedades, essas relações resistiram de maneira impressionante às mudanças súbitas, embora isso não queira dizer que fossem estáticas” (p.314).

A partir deste quadro, nos deparamos com o “deslocamento da família tradicional” e essa quebra dentro da família é o ápice de um processo que há muito tempo vem interferindo na constituição da família nuclear. Assim confirma Falsarella (2008):

As rupturas a que assistimos hoje na família são a culminância de um longo processo, que fez surgir o individualismo moderno, com base no desejo de felicidade, de escolher os amores e a própria profissão (p.36).

Todo o individualismo e busca de satisfação pessoal, são frutos de mudanças sociais que se refletem na família levando a ter suas crises e conflitos que dependem de uma base sócio-cultural para ser compreendida. O choque cultural dos diversos tipos familiares é um dos responsáveis pela dificuldade de compreensão das mudanças.

Um dos aspectos da desagregação da família são as pessoas que decidem viver sozinhas.

O número de pessoas vivendo sós (isto é, não como membro de nenhum casal ou família maior) também começou a disparar para cima. Na Grã-Bretanha, permaneceu em grande parte o mesmo durante o primeiro terço do século, cerca de 6% de todas as casas, subindo muito suavemente daí em diante. Contudo, entre 1960 e 1980 a porcentagem quase duplicou de 12% para 22 % de todas as casas, e em 1991 era mais de um quarto (HOBBSAWM, 1995, 316).

Não importa a maneira como a família se constitui, se ela é composta de um ou vários membros, se alguém decide viver só, ou se são deste ou daquele sexo e optam por viver juntos, se constitui-se de pai, mãe e filhos ou não, isso não revela nenhuma perfeição ou errônea formação familiar. Para ser família,

basta que vivam juntos e dividam o mesmo espaço, partilham as mesmas alegrias e problemas.

O que define a nova família são as funções desempenhadas por seus membros em suas interrelações, com características de lealdade, afeição e pertinência, sendo que nenhuma configuração familiar pode ser considerada melhor ou pior do que outra (FALSARELLA, 2008, p.36).

As afirmações acima feitas por Falsarella (2008), como ela bem diz, é a definição da “nova família”, porque para Hobsbawm (1995) com base em sua pesquisa da sociedade no século XIX, muitas são as características reservadas para a “família nuclear, modelo para a sociedade”, que marcam as diferenças. E quanta diferença de concepção familiar, em todos os aspectos. O que mais fica em destaque nas palavras do autor são algumas idéias que revelam autoritarismo e diferenças sexuais dentro da família.

A vasta maioria da humanidade partilhava certo número de características, como a existência de casamento formal com relações sexuais privilegiadas para os cônjuges (o “adultério” é universalmente tratado como crime”; a superioridade dos marido em relação às esposas (“patriarcado”) e dos pais em relação aos filhos (HOBBSAWM, 1995, p. 315).

Desta forma, se construiu a cada época uma visão para a constituição familiar além de modos de se relacionarem dentro do lar, hierarquia, responsabilidades; e alguns modelos ficam tão marcados que dificultam entendimento sobre a realidade. Se a família não tem uma configuração de “família ideal”, mesmo assim ela não precisa ser considerada uma “família desorganizada”, mesmo porque o mundo ainda se pergunta. Qual é a família ideal?

Quando a família não está organizada conforme esse ideal, mas segundo as necessidades que lhe são peculiares que lhe são peculiares, essa discrepância entre a família modelo e a família-real constitui o estigma da “família desorganizada” (FALSARELLA, 2008, p.36).

Esse estigma mencionado no texto acima é o que marca muitas crianças na escola que não estão preparadas para compreender as diferenças, pois a escola também não está preparada para receber essas famílias e conduzir as crianças e os adolescentes nessas diferenças.

1.3.1 A presença da família na escola

Quando se pensa na formação global do indivíduo há de se lembrar que é muito importante a união de forças, tendo a instituição familiar e toda a comunidade participando efetivamente das decisões democráticas da escola, contando com o apoio do Estado que muitas vezes fica deficitário, como afirma Vitor Paro que:

No âmbito da unidade escolar (...) aponta para a necessidade de a comunidade participar efetivamente da gestão da escola de modo a que esta ganhe autonomia em relação aos interesses dominantes representados pelo estado (2000, p.40).

Escola e família se entrelaçam em busca da formação integral da criança e do adolescente. Durante este inter-relacionamento tem-se a revelação de desafios, os quais os jovens necessitam vencer, mas nem sempre conseguem.

Sendo o desenvolvimento um processo global, há que entender que a produção de uma criança na escola com suas facilidades e dificuldades é o resultado da interrelação de um conjunto de fatores que envolvem a família e a escola. Essa rede de relações que forma o cenário da vida (FALSARELLA, 2008, p.37).

Este “cenário da vida” do adolescente, que envolve também a sua vida escolar, acentua entre outras, uma grande dificuldade encontrada, quando algumas pessoas, fazem uma classificação radical da criança e do adolescente considerando os como bons ou maus. Esta classificação muitas vezes está associada às condições econômicas destas crianças. Esta cena classificatória é facilmente visualizada em ambientes escolares, sobretudo nos conselhos de classe.

O fato de o aluno ser bom ou mal está profundamente aliado, segundo as professoras, às características da organização familiar de onde ele provém, que, por sua vez, refletem as condições econômicas, sociais e culturais em que vive a criança (BARRETO, 1981, p.86).

O autoritarismo da escola é uma barreira para o diálogo entre escola e família, sendo assim o âmbito educacional necessita acolher a experiência cultural que o educando traz consigo, abrindo as portas para o diálogo e apoio mútuo.

Ao colocar-se como superior à família, a escola inviabiliza o diálogo. Pelo contrário, o contato frutífero com as famílias possibilita à escola o conhecimento das condições concretas do contexto familiar do aluno e de sua comunidade (FALSARELLA, 2008, p.39).

1.3.2 Formação de valores da família e da escola contra violência

Para compreender um pouco mais a violência, este fenômeno que assola a nossa sociedade e especificamente a família, recorreremos à Candau (2000) quando afirma se tratar de um problema que é uma realidade muito antiga em nossa sociedade e que vem preocupando a todos. Segundo a autora o fenômeno aumenta a cada dia.

Como acabamos de afirmar, a família e a escola, sendo esferas importantes da sociedade expressam a violência contida nela. Ambas necessitam trabalhar numa perspectiva de inclusão, evitando a cultura de exclusão que apenas colabora para o aumento da violência.

A violência não pode ser reduzida ao plano físico, mas abarca o psíquico e moral. Talvez se possa afirmar que o que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro, a violação dos direitos humanos (CANDAU, 2000, p.141).

Porém, a instituição escolar e familiar não são as únicas responsáveis pela problemática, mas podem e devem estar juntas na formação de valores dos educandos que são a base da sociedade: “Para enfrentar uma cultura da violência, consideramos ser necessário promover em todos os âmbitos da vida, individual, familiar, grupal e social, uma cultura de direitos humanos” (CANDAU, 2000,p. 156).

Para o enfrentamento da violência e formação de valores é essencial a família assumir o seu papel de incentivador da aprendizagem da criança, apoiando e dando segurança emocional, valorizando a educação como forma de vida em sociedade. Se a família tem seus deveres diante da vida educacional da criança, não é diferente para a escola que igualmente à família também tem que assumir seu papel.

A simples atitude da família em demonstrar interesse pelo cotidiano escolar promove maior interesse da criança. A família dá a base emocional para a criança aprender, transmite auto-confiança e passa a mensagem de que a educação é importante. (...) Além disso, esperar dos pais providências para resolver situações que são da responsabilidade da escola apenas serve para tornar as relações mais tensas (FALSARELLA, 2008, p. 38).

Os papéis desempenhados tanto pela escola quanto pela família no que se refere à violência escolar devem ser discutidos no âmbito do projeto político pedagógico da escola e com destaque para a formação continuada dos diferentes segmentos que integram a escola.

1.4. Qual o Papel dos Profissionais da Educação Frente à Violência Escolar

Considerando a importância dos profissionais da educação para a transformação do ambiente escolar, o tema merece uma especial dedicação para discussão que se inicia com os questionamentos de Arroyo e Ruotti. “Qual a função da escola e da docência?” (ARROYO, 2007, p. 803) Como esses profissionais da educação devem ser formados para que o ambiente escolar se transforme em um espaço “acolhedor e inclusivo?” (RUOTTI, 2006, p.38). Estes são questionamentos de muitos profissionais da educação, que quase sempre, sentem-se despreparados e impotentes diante dos conflitos escolares. Diante do despreparo adotam medidas radicais, rígidos regimentos escolares, expulsões e até negação de matrículas aos alunos violentos nas escolas (ARROYO, 2007). Isso nada mais é que violência, para o combate à violência.

O docente tem um papel fundamental no controle da violência nas escolas: “(...) há a convicção de que o professor tem um papel fundamental em qualquer tipo de ação preventiva e de controle da violência nas escolas” (RUOTTI, 2006, p.46).

Convencidos da relevância do docente neste trabalho preventivo, algumas instituições de ensino delegam aos docentes projetos extras a ser desenvolvidos com os alunos. Porém, para se realizar um trabalho mais amplo junto aos estudantes, é necessário “qualificação” e preparo. Contudo, muitos profissionais não têm experiência nesse campo, mas se deparam com situações, de “crises” a qualquer momento.

A qualificação dos professores tem lacunas na formação inicial para temas que abarcam a vida social, política e econômicas dos alunos, pois ainda está muito restrita à “disciplina” de cada um. O corpo docente anseia por uma formação mais global dos docentes, para atender às suas necessidades mais gerais,

envolvendo aspectos, além dos educacionais, sociais, culturais entre outros (RUOTTI, 2006, p.47).

Royer (2002) destaca vários aspectos importantes para evitar comportamentos agressivos nas escolas como: Preparar aos professores para que compreendam que a violência não é algo “natural”, e sim um comportamento que deve ser trabalhado, pois está diretamente ligada ao seu contexto de inserção. Outro fator importante a se pontuar é pensar a escola como inibidora da violência. E ainda, cabe aos professores a realização de um trabalho de ação educativa e preventiva, evitando a reação em momento de crises. Considerar que a escola é feita de situações surpreendentes, de contextos variados, portanto os profissionais devem estar preparados para as intervenções, embasados pelo conhecimento do contexto em que a escola está inserida, lembrando da complexidade da violência em suas variadas formas. É também tarefa da escola encaminhar os professores para uma formação e atualização embasada em fontes seguras. A escola é um seguimento social dos mais importantes, porém sozinha, ela não consegue realizar um trabalho eficiente e eficaz, nesse sentido, é fundamental a participação da família e da comunidade no combate e prevenção da violência (ROYER, 2002 apud RUOTTI, 2006, p.47-48).

De acordo com Ruotti (2006), é fundamental o diálogo entre os atores envolvidos dentro da escola, para se compreender como a violência acontece e quais as ações combativas e preventivas frente ao fenômeno. O que fazer para que o diálogo aconteça?

(...) não se trata de uma tarefa fácil já que exige a capacidade de todos estarem abertos não somente a sugestões, mas também a críticas, sobretudo os docentes. Estarem abertos, nesse sentido, significa reconhecer que há momentos em que suas ações podem também fazer com que os alunos se sintam agredidos ou que a sua simples omissão permite que a violência tome espaço. Significa reconhecer que algumas concepções e práticas muito difundidas no meio escolar são extremamente violentas e excludentes e que vivemos um novo período, o que requer pensar em novas práticas (RUOTTI, 2006, p. 51-52).

Diante do que afirma o autor não há como negar que educar não significa chegar com receitas prontas para uma formação efetiva dos educandos, o que ele realmente propõe é que o trabalho docente seja pautado numa postura dialógica e flexível. Não importa se o profissional esteja em início ou final de carreira

é necessário abertura e parceria nas ações educacionais e uma prática educativa com conhecimentos globais e atualizados.

CAPÍTULO II:

Uma análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso a presença dos temas: família e violência escolar

As pesquisas realizadas para fins do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Londrina, são escassas quando se referem ao tratamento do tema família e violência. A leitura dos TCC produzidos no período de 2008 a 2009, disponibilizados na página do Colegiado do Curso de Pedagogia e no Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da Educação (LEPHE) revela o lugar reduzido do tema nas escolhas temáticas e ao mesmo tempo um tímido interesse na abordagem dos temas. Os pesquisadores que mencionaram o assunto relataram que são problemas pertinentes às discussões no âmbito escolar e merecem atenção devido a sua complexidade e diversidade de características.

2.1 – Caracterização dos trabalhos de conclusão de curso

A proposta deste capítulo é caracterizar os Trabalhos de Conclusão, do curso de Pedagogia para identificar as principais categorias que abarcam o objeto de estudo da presente pesquisa. Para tanto, realizamos a leitura dos resumos, o que se constata inicialmente as diferentes maneiras de abordagens dos temas.

Conforme Tabela 1 encontramos o tema violência em dois dos Trabalhos de Conclusão, quatro enfocam a família e outros dois deles abordam ambos os assuntos, Violência e Família.

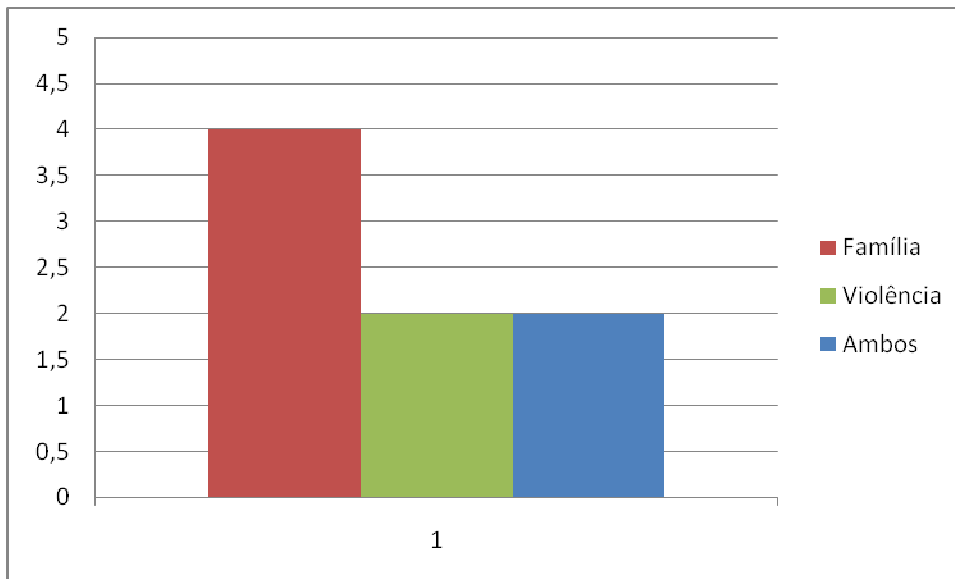
Tabela 1 – Quantidade de TCCS (2008 e 2009) que utilizaram os temas violência e família:

Temas	Quantidade de TCCs
Família	04
Violência	02
Ambos	02
Total	08

Fonte: TCCs do Curso de Pedagogia UEL (2008 e 2009)

Gráfico 1:

Quantidade de TCCS (2008 e 2009) que utilizaram os temas violência e família:



Fonte: TCCs do Curso de Pedagogia UEL (2008 e 2009)

Outro elemento a ser analisado é qual o referencial teórico utilizado para tratar do tema. Verificou-se que no processo foram utilizados livros revistas e sites como referência.

A Proposta Curricular do ano de 2005 do curso de Pedagogia da UEL, que norteou as turmas formandas dos anos de 2008 e 2009, é uma proposta pedagógica que difere em alguns aspectos do Currículo do ano de 2007 e um desses aspectos se refere à disciplina de Educação e Família, que deixou uma lacuna neste último, pois se trata de um assunto que orienta o trabalho do pedagogo para uma gestão participativa dos pais na instituição escolar.

Quando, então, afirma-se ser a gestão democrática a melhor forma de mediação para a consecução de objetivos educacionais voltados à formação para a “maior satisfação individual e melhor convivência social” possíveis, entende-se que todos os sujeitos envolvidos com o processo educacional devem com ele implicar-se. Nesse sentido, a participação seria a expressão maior do que aqui entendemos por gestão democrática (CORREA, 2006, p. 3).

Sendo assim, a formação do pedagogo sem o embasamento teórico para a prática dialógica entre escola e família, pode ser um prejuízo para a

formação da criança e do jovem que necessita dessa interação, portanto é a equipe pedagógica que deve ter a “condição técnica” para mediar o diálogo.

O que está em jogo é a necessidade de que ambas as instituições troquem idéias e se conheçam mutuamente em benefício da criança. Reconhecendo-se que a criança, em fase de formação, é influenciada por práticas e relações diversas, o que se propõe é que a escola, por estar em condições “técnicas” de melhor perceber essas influências, deve tomar a iniciativa para que de fato as diferentes instituições possam dialogar (CORREA, 2006, p. 3).

Tendo avaliado e constatado as condições do Currículo, segue-se para uma descrição feita a partir dos resumos dos TCCs em questão. Os dois que pontuaremos neste momento focam a violência.

O primeiro estudo (TCC 6) abordou a violência da seguinte maneira: “(...) problematização da violência, questionando o seu conceito e como vem se dando as propostas de superação.” O trabalho foi através da análise de documentos da UNESCO, além disso, foi feito uma “discussão bibliográfica” do “histórico de crise econômica e redefinição das ações do estado e da educação.” A pesquisa realizada revelou algumas causas da violência, são elas: “a questão econômica, os valores e a falta de oportunidades da classe menos favorecida.” As formas de superação do fenômeno, segundo a autora, não são suficientes para resolver o problema.

Já o segundo trabalho (TCC 7) realiza um “(...) estudo sobre a questão da violência e as formas que esta apresenta no ambiente escolar, além do ponto de vista de pedagogas”. A relevância do estudo se dá por se tratar de um problema social que tem sido enfoque da mídia, além de ser um fato muito vivenciado no contexto escolar. A pesquisa foi pautada em bibliografias e entrevistas com pedagogas de escolas públicas. Assim, a autora explicita como os indivíduos estão envolvidos com a violência escolar, uma das maiores preocupações dessa área.

Quatro autores envolvem família, em seus estudos. A abordagem do primeiro é “(...) importância da relação família e escola, analisando a atuação do pedagogo como coordenador do processo de gestão democrática na instituição escolar.” A pesquisa foi embasada em estudos bibliográficos e o estudo resultou na seguinte conclusão. A unidade entre escola e família é fundamental para que

reflexões sobre as propostas educacionais sejam feitas, buscando juntas (família e escola) um trabalho pautado na “coletividade, humanização e solidariedade”.

Verificou-se em seguida, que mais dois trabalhos, cuja família está envolvida na pesquisa, trata-se de abordagens de maneira, que muito se aproxima do primeiro. Um deles (TCC 5) expõe “(...) as funções da família na escola, a relação estabelecida entre elas e a identificação das diversas instâncias de participação dos pais.” O outro (TCC 1) coloca “(...) reflexões a cerca da Gestão Democrática com o intuito de promover uma transformação no espaço escolar.” Ambos estão enfocando a relevância da Gestão Participativa. O primeiro valoriza a participação dos pais e o segundo revela além da importância da “participação” dos pais, a participação de toda a comunidade, envolvendo assim, todas as “instâncias colegiadas”.

Desses dois trabalhos, o que estudou “as funções da família na escola...” fez o estudo através de pesquisas bibliográficas, porém o segundo que expõe sobre a “Gestão Democrática”, fez o trabalho embasado em leituras teóricas diversas. Ambos concluem, com palavras diferentes, o quanto é importante a ação coletiva consciente, espaço escolar. O primeiro deixa clara a importância da relação família e escola para formação educacional das crianças, adolescente e jovens. Já o segundo explicita que o “espaço escolar” só pode ser verdadeiramente gerido democraticamente a partir do momento em os profissionais da educação se conscientizarem da importância desta tão ensejada “Gestão Democrática.”

Para conclusão da avaliação dos TCCs que envolvem a família, o que se encontra, é uma abordagem sobre “(...) a compreensão das implicações relacionadas a conceitos e práticas de orientação e educação sexual (...)”, nesse sentido o que a autora coloca é a importância da família como parceira da escola para orientar as crianças e os jovens sobre este tema tão polêmico, sendo que, o livre acesso dos jovens às mídias, pode trazer contribuições, mas também pode ser muito maléfico, se não houver um bom acompanhamento por parte das instituições parceiras (escola e família). A pesquisa foi feita “através de questionários destinados aos professores de séries iniciais”, bibliografias e PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. A conclusão da autora sobre o tema é que “(...) dentre os motivos apresentados para a não inclusão da Temática Orientação Sexual nas escolas, está a forma de dialogar assuntos referidos ao tema.” Além disso, ela ainda expõe o quanto as famílias estão omissas a respeito da temática, assim a mídia educa ou deseduca.

Nesse momento da pesquisa, a abordagem é sobre os dois TCCs que estão envolvendo ambos os temas pertinentes à proposta: Família e Violência. O primeiro deles “(...) reflexões que destacam o papel da instituição escolar e seus agentes (...) e a importância de se conhecer e colocar em prática o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) nos casos de violência doméstica, sofridas por crianças e adolescentes, e detectadas no ambiente escolar.” O autor propõe um diálogo sobre a tarefa da comunidade escolar, a fim de colocar em prática medidas protetivas, através de encaminhamentos ao órgão responsável. (conselho tutelar). O segundo trabalho (TCC 4) , a ser estudado, onde se envolve Violência e Família trata-se de “(...) compreender os fatores presentes na família, que levam o aluno a desenvolver comportamentos agressivos na escola.” Este trabalho vem ao encontro de propostas de ações efetivas, que devem ter o profissional de educação, através de formações e embasamentos teóricos, para conhecer o contexto social que aluno vivencia, antes de rotulá-lo “aluno problema”, incluindo-o no contexto escolar, para que tenha uma chance de sair da sua condição de vulnerabilidade.

Através do estudo realizado de todos os trabalhos de TCCs, o que se conclui, é que há uma preocupação comum entre os mesmos. A necessidade de parceria entre escola e família, para que o processo de desenvolvimento educacional aconteça de forma satisfatória, eficiente e efetiva.

2.2 – Inventário dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Pedagogia de 2008 e 2009 da Universidade Estadual de Londrina

2.2.1 - TCC 1 – Autor: Ana Paula Pagnan

Orientador: Prof^a Sandra Regina Mantovani Leite

Área: Formação docente

O trabalho desenvolvido pela aluna Ana Paula Pagnan , com o título “Relação Família e Escola: o pedagogo como articulador da gestão democrática”, tem como objetivo discutir “ a importância da relação família e escola, analisando a atuação do pedagogo como coordenador do processo de gestão democrática na instituição escolar”.

No primeiro capítulo, intitulado “O pedagogo e a construção do trabalho coletivo” é discutido sobre as várias instâncias que influenciam a escola e como o pedagogo pode organizar esse trabalho coletivo no ambiente escolar. A aluna coloca que a função de educar não deve ser apenas da escola, e que a instituição vem complementar esse processo. Levando em consideração o sistema capitalista em que estamos inseridos, o papel da escola é de priorizar “conteúdos, valores morais e éticos dos alunos”, “preparando o indivíduo para a cidadania”.

O pedagogo dentro da escola tem a função de apoiar a equipe pedagógica e juntamente com a participação dos “usuários (alunos e pais) e dos servidores (professores e funcionários) ”oportunizar um trabalho coletivo e democrático.

No segundo capítulo, intitulado, “A instituição familiar: histórico e funções” são colocadas as transformações que ocorreram com a família ao longo dos anos, os vários tipos de constituições familiares que surgiram e quais as funções que essa instituição família desenvolve, principalmente no espaço escolar.

É citado no trabalho que “a família é o primeiro contato social da criança, por isso tem um papel primordial na educação”, pois é na família que se “inicia o conceito de valores, normas, como também a proteção, socialização e a adaptação cultural”.

Com o título “A Relação Família e Escola: Importância na construção da gestão democrática”, o terceiro capítulo coloca que a participação social das pessoas é de suma importância para que possam lutar pelos seus interesses e cumprir seus deveres.

A escola, junto com as “instâncias colegiadas”, possui o papel de conscientizar a população da participação na sociedade e dessa forma serão formados “indivíduos críticos, participativos e solidários para a transformação de uma sociedade mais justa e humana”.

Esta pesquisa apresenta a “importância da instituição familiar e da instituição escolar para a formação do indivíduo, sendo o pedagogo o articulador dessa interação.

2.1.2 - TCC 2 – Autor: Ednéia Rodrigues

Orientador: Prof. Sandra Regina Mantovani Leite

Área: Formação docente

No primeiro capítulo, intitulado “Família”, a aluna Ednéia Rodrigues fala das várias instituições familiares formadas ao longo do tempo, as modificações que sofreram e da função educativa que possui, pois, a família é o primeiro ambiente que a criança se socializa. Neste mesmo capítulo ainda é citado o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – que mostra os dados das mudanças que alteraram a família.

Com o título “Escola”, o segundo capítulo descreve a concepção de educação e educação escolar; relata o processo histórico das finalidades de educação até a atualidade, e suas ligações com o meio político, econômico e social.

No terceiro capítulo, intitulado “A participação da família na escola” o que se procura mostrar é que a presença da família no ambiente escolar é um dos fatores importantes para que o desenvolvimento da criança e do adolescente ocorra da melhor maneira. A atuação da família na escola é o início para se entender o que acontece com o aluno e compreender as diversas experiências culturais que os alunos trazem para a escola.

2.1.3 - TCC 3 – Autor: Gisele Juliani Domingues

Orientador: Profº Ms. Juarez Gomes

Área: Formação docente

No trabalho de Gisele Juliani Domingues o primeiro capítulo com o título “Educação Sexual e Orientação Sexual” faz a diferenciação de educação e orientação sexual, e explica que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs – documentos elaborados pelo MEC que orienta o ensino para uma formação eficaz das pessoas) “usam o termo “Orientação Sexual” por não ser responsabilidade da escola doutrinar a sexualidade da criança”.

No segundo capítulo com o título “A influência da televisão na construção de princípios e valores pertinentes a sexualidade da criança” é discutido sobre o acesso cada vez mais facilitado à televisão que a criança possui, e a criança recebe o que está sendo transmitido, podendo ser positivo ou negativo para o seu desenvolvimento. A família é muito importante nesse processo, e a escola deve ficar atenta a mídia que tem uma forte influencia sobre as pessoas, principalmente as crianças.

O terceiro capítulo intitulado “Educação Sexual na escola e o papel da família”, fala da importância da escola instruir a criança e o adolescente sobre a educação sexual juntamente com a família. Uma pesquisa foi realizada para entender o que “acontece nas escolas, com relação às manifestações sexuais das crianças”, e como ela está agindo diante dessa situação. Neste mesmo capítulo foi agregada uma entrevista de uma Orientadora Sexual que relatou algumas de suas experiências nessa área.

2.1.4 - TCC 4 – Autor: Mara Regina Serapião

Orientador: Prof^o. Ms. Juarez Gomes

Área: Formação docente

No primeiro capítulo deste trabalho, em o título “Família: primeira instituição da educação” foi desenvolvido um breve histórico da constituição familiar ao longo dos anos e qual o papel dos pais diante dos conflitos que surgem em relação ao desenvolvimento físico, afetivo e intelectual das crianças e adolescentes.

O segundo capítulo, intitulado “O ajustamento entre os meios familiar e escolar”, fala da importância desses dois espaços de socialização para a criança, sendo a família o primeiro contato e conseqüentemente muito influenciador no contexto escolar que é o segundo espaço socializador da criança.

“Condições favoráveis e elementos desencadeadores da agressividade na escola” é o título do terceiro capítulo, que fala dos momentos conflituosos que os alunos passam, seja nas relações com a escola ou com a família. E o papel do profissional da educação é o de “conhecer esses problemas vivenciados não só pelos educandos, mas por toda comunidade envolvida na política pedagógica da escola”.

No quarto capítulo, intitulado, “Conseqüências da agressividade na escola”, a aluna faz uma reflexão das conseqüências que os aspectos conflituosos e agressivos trazem para o âmbito escolar.

2.1.5 - TCC 5 – Autor: Emanuely Fernanda Marques

Orientador: Prof. Sandra Regina Mantovani Leite.

Área: Políticas e gestão da educação

No primeiro capítulo, intitulado, “O que é família?”, a aluna faz um desdobramento das mudanças que ocorreram com a família ao longo dos anos, pois é uma instituição social e histórica.

No segundo capítulo, com o título, “Participação da família na escola: gestão democrática” foi analisada a importância de se obter uma relação entre a família e a escola, propiciando a reflexão das mesmas, e transformando em participação “ativa e efetiva a ação” na gestão democrática.

Com o título, “Instrumentos de participação efetiva: instâncias colegiadas”, o terceiro capítulo mostra que a gestão democrática é construída de maneira que aconteça um “diálogo entre família-escola-comunidade”, tendo uma participação efetiva das instâncias nas decisões tomadas no âmbito educacional.

2.1.6 - TCC 6 – Autor: Rosilene Aparecida Palma Lima

Orientador: Prof^a. Eliane Cleide da Silva Czernisz

Área: Políticas de gestão da educação

Neste trabalho o primeiro capítulo, intitulado, “Analisando o contexto de crise econômica e reforma do Estado”, discute a violência relacionando-a com as “poucas condições econômicas” no país. Para realizar essa discussão, a principal referência no trabalho é a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, criada após a Segunda Guerra Mundial com o intuito de “promover a paz e os direitos humanos”.

No segundo capítulo, intitulado, “Analisando o conceito violência”, é feito um estudo sobre o tema, mostrando os significados dados por pesquisadores em discussões da UNESCO.

Ainda neste capítulo a aluna mostra algumas propostas para que ocorra a superação da violência e descreve “a cultura de Paz” que a UNESCO promoveu, buscando a amenização do problema da violência.

2.1.7 - TCC 7 – Autor: Denise Teresinha Bresciani

Orientador: Prof. Ms. Edmilson Lenardão

Área: Políticas de gestão da educação

No primeiro capítulo deste trabalho, com o título, “Violência: conceituando o fenômeno”, foram apresentadas as concepções dos temas violência e violência escolar estudadas por alguns autores.

Com o título “Formas e maneiras de expressão da violência escolar”, o segundo capítulo apresenta o conceito de violência e violência escolar, e como esse fenômeno se manifesta no âmbito educacional, pautado em pesquisas feitas pela UNESCO.

No terceiro capítulo, intitulado, “A violência sob o olhar pedagógico”, a autora faz um resgate da concepção de violência e busca mostrar como os profissionais da educação, em especial da escola pública, agem diante das situações conflituosas de violência.

2.1.8 - TCC 8 – Autor: Thaís Alessandra Shell Gabriel

Orientador: Prof^a Ana Lucia Ferreira Aoyama

Área: Políticas de gestão da educação

No primeiro capítulo deste trabalho, intitulado, “A idéia de infância: uma breve incursão na história”, a aluna faz um histórico da infância, suas características e transformações ao longo dos anos, juntamente com o surgimento da escola.

O segundo capítulo, com o título, “A situação da vulnerabilidade e as violências que acometem as crianças no Brasil”, fala das situações de risco que as crianças vivem. Como as políticas públicas de atendimento às crianças e aos adolescentes podem amenizar esse contexto e ainda quais transformações a família sofreu ao longo do tempo.

No terceiro capítulo, intitulado, “Violência familiar contra crianças, órgãos de proteção e o papel da escola na prevenção desse fenômeno” a aluna faz uma caracterização dos tipos de violência que ameaçam as crianças e adolescentes. Descreve os órgãos de proteção e como eles fazem os atendimentos no combate à violência, e ainda coloca como a escola pode prevenir e denunciar essas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de trabalho aqui apresentada teve como objetivo, discutir sobre a relevância dos temas violência e família nos estudos dos trabalhos de Conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina e a importância da formação dos profissionais de educação para atuarem no ambiente escolar.

Para realizar o estudo houve a necessidade de compreensão sobre as temáticas, violência e família. Diante disso, observou-se a grande relevância desses temas na prática pedagógica. Ao pesquisar sobre os temas, uma interessante constatação veio à tona para que se discuta com seriedade sobre o assunto. A atual proposta curricular do curso de pedagogia da UEL- Universidade Estadual de Londrina, não contempla a disciplina que prepara para a ação pedagógica junto à família. Essa questão é motivo de inquietação, quando se busca uma prática eficiente para o conflituoso espaço escolar.

A prática pedagógica, a gestão escolar são ações fundamentais do pedagogo e para realização desta prática, é de fundamental importância uma formação completa, envolvendo assuntos do cotidiano escolar. A partir deste estudo, verificamos que o contexto escolar exige algumas parcerias para o combate e a prevenção da violência, além de outros males, os quais a escola precisa enfrentar; evasão escolar, dificuldades de aprendizagem, práticas de exclusão e outros. Todas estas ações exigem parceria com a família, sendo assim, o que se pede para a formação do pedagogo, quando se menciona formação completa, são assuntos como a inclusão da disciplina que já foi parte da proposta curricular do curso de pedagogia da UEL – Universidade Estadual de Londrina - **Educação e Família**. Este é um tema que o pedagogo deve tratar impreterivelmente no dia-a-dia, no contexto escolar. E para que isso aconteça a contento, é preciso uma formação dirigida, não basta apenas buscar bibliografias e leituras já na hora da prática, é preciso um embasamento teórico.

Os TCCs estudados revelam uma grande necessidade de parceria entre escola e família, portanto quem será o detentor do saber técnico para essa interação das duas instituições? Deve ser o Pedagogo. Neste sentido, quem seria o responsável por essa formação técnica? As IES - As Instituições de Ensino Superior.

É essa a especial relevância para **Educação e Família**, como formação técnica para uma interação efetiva entre família e escola. É o que revelou este estudo, a partir da leitura de oito TCCs que abordavam Violência, Família e Escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam ET AL. **Cotidiano das Escolas: entre Violências**. Brasília, 2005.

_____. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ARROYO, Miguel González. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. Campinas, vol. 28, n.100 – Especial p. 787-807, 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 21 de Agosto de 2010.

ASSESSORIA DE IMPRENSA. Censo 2010: recenseadores entram em etapa final de treinamento. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, jul.2010. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1669&id_pagina=1> Acesso em:30 de agosto de 2010.

BRESCIANI, Denise Teresinha. **A violência e suas manifestações no contexto escolar**. 2009. 36 fls. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CORREA, Bianca Cristina. **A gestão democrática como referencial de qualidade na educação infantil para crianças de quatro a seis anos**. Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2163--Int.pdf>> Acesso em: 25 de Agosto de 2010.

DOMINGUES, Gisele Juliani. **A educação sexual escolar, influência da televisão e as possibilidades de diálogo com a família**. 2009. 33 fls. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

ENGELS, Friedrich. A família monogâmica. In: CANEVACCI, Massimo. **Dialética da Família: Gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FALSARELLA, Ana Maria. **E a família, como vai?** São Paulo, 2008.

GABRIEL, Thaís Alessandra Shell. **Violência Doméstica: entre o conhecer e o intervir**. 2008. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX. 1914 – 1991**. São Paulo, companhia das Letras, 1995.

LIMA, Rosilene Aparecida Palma. **Problematizando a violência no contexto atual: uma análise da abordagem da UNESCO.** 2009 58 fls. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

MARCONDES, Pedro. A violência escolar. (Org.). In: MARCONDES, Marta Aparecida Santana. **Temas transversais e currículo.** Brasília: Libero Livro, 2008. (p. 127-160)

MARQUES, Emanuely Fernanda. **Família e escola: aproximações através das instâncias colegiadas,** 2009. 48 fls. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana.** São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

NASCIMENTO, Arlindo Mello de. **População e família brasileira: ontem e hoje.** Trabalho apresentado no XV Encontro de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 18-22 de Setembro de 2006.

PAGNAN, Ana Paula. **Relação família e escola: o pedagogo como articulados da gestão democrática.** 2009. 48 fls. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública.** São Paulo, Ática, 2000.

PAULA E SILVA, Joyce Mary Adam de; SALLES, Leila Maria Ferreira. **A violência no âmbito escolar: considerações sobre a violência da e na escola.** São Paulo, 2008.

PRADO, Danda. **O Que é Família.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In: LANE, Silvia T. M. CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo. Brasiliense, 1984.

RODRIGUES, Edinéia. **Família e escola: em busca de auxílio mútuo.**2009. 39 fls. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

ROTGER, Antonio Petrus. **Cultura de La violencia y educación secundaria, em La Educación Secundaria: Problemas y perspectivas.** Madrid: Universidad Nacional de Educación Comparada/ revista Española de Educación Comparada, n.7, 2001.

RUOTTI, Caren. **Violência na escola: um guia para pais e professores.** São Paulo: Andhep, imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SERAPIÃO, Mara Regina Andrade. **Uma reflexão sobre comportamentos familiares desencadeadores de alunos agressivos.** 2009. 29 fls. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.